

DÍAS-BENÍTEZ, Maria Elvira.

Nas redes do sexo – os bastidores do pornô brasileiro.

Rio de Janeiro: Zahar, 2010. 239 p.

Lara Virgínia Saraiva Palmeira¹

Esta resenha tem como objetivo resumir e analisar a obra *Nas redes do sexo – Os bastidores do pornô brasileiro*, de María Elvira Días-Benítez, lançada no ano de 2010 pela Editora Zahar. O livro é resultado da sua tese de doutoramento de título *Nas redes do sexo: bastidores e cenários do pornô brasileiro*, defendida em fevereiro de 2009 no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional (PPGAS/UFRJ), sob a orientação de Gilberto Velho. Sua pesquisa se deu no período de agosto de 2006 a dezembro de 2007 na cidade de São Paulo, segundo a autora, a cidade que concentra a maior quantidade de produtoras e distribuidoras de material pornô no Brasil. Focalizou sua pesquisa em cinco empresas responsáveis por elaborar filmes de tipo heterossexual, gay e travestidos, compostos por atores maiores de 18 anos.

De origem colombiana, Días-Benítez graduou-se em Antropologia pela Universidad Nacional da Colombia, em 1998, e realizou o mestrado e o doutorado no Museu Nacional. Atualmente, faz pós-doutorado na Universidade Estadual de Campinas, no Núcleo de Estudos de Gênero PAGU. Em sua trajetória acadêmica sempre esteve próxima de temáticas como as da homossexualidade, classe e gênero, pornografia, corpos e práticas sexuais dissidentes, além de estudos sobre relações étnico-raciais. Além da obra aqui resumida, a autora ainda é organizadora da coletânea *Prazeres Dissidentes*, pela Editora

¹ Mestranda em antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: larasaraiva18@hotmail.com

Garamond/CLAM, em 2009.

Para compreender a obra em questão é necessário traçar as linhas teóricas adotadas pela autora e os suportes metodológicos úteis para refletir a maneira como sua análise e seus argumentos foram construídos. Nesse contexto, merecem destaque os autores Howard Becker e Erving Goffman.

Días-Benítez adota o conceito de Becker de ação coletiva. Assim como o sociólogo americano, que o utiliza para analisar as etapas de produção e divulgação de uma obra de arte, a autora usa para apreender o que denominou de redes do pornô e as etapas envolvidas nessa produção. Assim, a ação coletiva seria uma “ação coordenada de todas as pessoas cuja cooperação é necessária para que o trabalho seja realizado da forma que é” (BECKER apud DÍAS-BENÍTEZ, 2010, p. 9). Foi dessa maneira que designou “Preliminares, Transa e Consumo” como as etapas básicas de um modelo que descreve o processo de produção de filmes pornô. Além dessa influência, esse esquema tripartite foi inspirado em Richard Schechner e em seus estudos sobre performance, no qual identifica as fases de reunião, representação e dispersão no contexto do teatro.

Já os conceitos de Erving Goffman (apud Días-Benítez), principalmente os presentes na obra *A Representação do Eu na Vida Cotidiana* (1999), estão sempre presentes nas notas de rodapé da autora. A noção de código, por exemplo, é usado quando se diz respeito aos papéis sociais, etiquetas ou representações que os indivíduos devem observar para obedecer aos modelos socialmente aceitos. Como diz a autora:

Na interação, é preciso que os atores sociais envolvidos dominem os códigos para que as mensagens possam ser entendidas. Eles delineiam as relações interpessoais e a interação, constituindo uma rede de sinais por meio da qual os indivíduos transitam (DÍAS-BENÍTEZ, 2010, p. 220-221)

A palavra interação nos revela um ponto comum importante entre esses dois autores: ambos podem ser situados na corrente teórica denominada de interacionismo simbólico, presente na Escola de Chicago², no final do século XIX. Baseado em uma orientação multidisciplinar, o interacionismo recebeu influências desde a filosofia, no caso do pragmatismo proposto por John Dewey, à psicologia social, como no caso de George Herbert Mead. Segundo tal corrente, a concepção que os indivíduos têm do mundo social é o que constitui o objeto da pesquisa sociológica. Assim, os métodos de pesquisa que enfatizam os pontos de vista desses indivíduos são fundamentais, pois eles são os intérpretes do mundo. Aprender essas significações seria o meio mais adequado para captar a realidade social que aparece sob a forma como os indivíduos enxergam esse mundo. Dessa forma, seriam as atividades interativas dos indivíduos, quando eles interagem socialmente com os outros e consigo mesmos é que produziram as significações sociais, as quais o pesquisador só terá acesso quando participar e interagir no mundo que se propõe a analisar.

Por fim, a obra de Días-Benítez no contexto de uma antropologia realizada na cidade, baseada em um tema estigmatizado e estigmatizante e enquadrado na linha de pesquisa sobre comportamentos desviantes revela-nos também a influência de seu orientador Gilberto Velho.

Atuando como um dos principais responsáveis pela linha de trabalhos sobre

2 Segundo Goldenberg (2009), o termo Escola de Chicago foi utilizado pela primeira vez por Luther Bernard para designar o conjunto de pesquisas realizadas na cidade de Chicago, particularmente depois de 1915. Partindo da perspectiva interacionista, tais estudos dedicavam-se a produzir conhecimentos que fossem utilizados para solucionar problemas sociais concretos da cidade. Entre eles, problemas de imigração, criminalidade, desemprego, pobreza, minorias e relações raciais. Ressalta-se, também, a influência que tais autores receberam de George Simmel, responsável por antecipar a análise da natureza complexa e diversificada na vida na metrópole.

comportamento desviante no Museu Nacional, Velho tem orientado diversas pesquisas que adicionam ao repertório de investigação antropológica, diferentes assuntos como o uso de drogas, acusações de desvio, identidades sexuais e de gênero, doença mental e diferentes tipos de marginalização social, entre outros. Isso com o intuito de mostrar como esse campo tem se constituído como um dos mais férteis na Antropologia e como a própria noção de desviante necessita de constantes reflexões para que se utilize o termo de forma adequada. A obra da autora em questão, portanto, trata-se de mais um trabalho feito sob a orientação de Velho e que merece nossa dedicada atenção.

Retomando a obra em si, já na introdução, a autora parte da ideia de que a pornografia faz parte da nossa cultura, constitui nosso cotidiano, ainda que lhe seja delegada uma postura marginal e obscena - “fora de cena”. Exemplifica tal afirmativa com a realidade americana, onde a indústria pornográfica movimenta cifras impressionantes, e com o caso brasileiro, no qual o pornô pode ser visto com bastante frequência nos vídeos, canais fechados de televisão, revistas, internet, jornais, nas ruas e nos camelôs, povoando, assim, o imaginário da população: “Vivemos em um mundo de sexo e somos obrigados a falar dele” (DÍAS-BENÍTEZ, 2010, p. 12), afirma a autora em uma clara referência a Foucault (2010) e seu posicionamento acerca do sexo nas sociedades contemporâneas³.

Logo, para tentar compreender mais sobre esse fenômeno atual, Dias-Benítez volta sua atenção para a produção do ci-

3 Colocando o sexo no centro de uma “formidável petição de saber”, o autor denuncia a obsessão da sociedade ocidental pelo sexo e pela sua racionalização. Ao descartar a hipótese repressiva, Foucault afirma que a sexualidade não passou por um processo de censura e/ou de repressão na sociedade capitalista, pelo contrário: o poder sobre a vida e sobre o corpo que se desenvolveu nessa sociedade haveria incitado o sexo a se manifestar, a se produzir discursos e saberes sobre ele.

nema pornográfico no Brasil e toma esse processo como o fio condutor da sua obra. Como já mencionado, estrutura seu livro de forma a compreender como se organizam as etapas da elaboração deste cinema, partindo de como o elenco é recrutado até o momento em que o produto final é distribuído no mercado, dessa forma, o livro se divide em três pontos principais: Preliminares, Transa e Consumo.

Na primeira seção, a autora inicia o percurso da produção com o recrutamento do elenco, atividade essencial e sem fim, visto que o mercado brasileiro exige a constante introdução de novos rostos. Quais as maneiras de abordagens utilizadas pelos recrutadores? Em quais contextos e lugares? Quais os códigos conhecidos e usados pelos indivíduos? Que critérios adotados para selecionar os atores? Como se dá o diálogo entre essas partes? Enfim, como se dá esse primeiro contato inicial? Essas são algumas das questões abordadas neste momento.

Para dar conta de alguns desses aspectos, Días-Benítez lança mão da trajetória dos seus interlocutores. As diversas situações contadas por Mauro, Cidinha, Japonês, Barry, Vanessa, Zilio e Márcio permitem-nos destacar duas importantes questões sobre o ofício do recrutador, a primeira trata-se do acaso. Não haveria entre eles um projeto, ou seja, uma conduta organizada com o objetivo de atingir finalidades específicas, segundo a definição de Alfred Schutz utilizada pela autora⁴. Aquelas pessoas estariam por acaso, através de convites imprevistos e/ou encontros casuais, trabalhando de maneira *freelance* e acumulando outros empregos dentro da mesma área ou não. No entanto, o acaso também por si só não explica, já que seria necessária uma disposição para que se conheça um mundo desconhecido pela maioria

e marcado por estigmatizações. Os motivos que levam essas pessoas a esse trabalho pode ser dos mais variados como a curiosidade, afinidade, aproximação com o mundo ou simplesmente por anseios econômicos.

A segunda questão são as habilidades que devem ser desenvolvidas para o ofício do recrutador, em outras palavras, “o aperfeiçoamento de uma espécie de dom ou talento relativo ao aprendizado de um tipo estratégico de olhar” (DÍAS-BENÍTEZ, 2010, p. 36). O recrutador deve ter os olhos da indústria, antecipar o olhar do consumidor, treinando sua percepção para identificar seus “alvos” pelo seu olhar, que funciona como comunicador não verbal e identificador recíproco de pessoas que são afins ou que necessitam interagir no contexto.

Para falar dos recrutados, seus contextos de recrutamento e a relação com seus recrutadores, Días-Benítez classifica os vários tipos de filme pornô e quais são os que serão alvos de sua observação, pois, dependendo da produção em questão, os indivíduos envolvidos e o público alvo do recrutamento mudam. Dessa forma seu trabalho etnográfico centrou-se nos filmes nomeados de heterossexual, gay e travesti. As mulheres constituiriam os corpos fundamentais para a produção do pornô hétero; os rapazes, são diferenciados entre aqueles que participam da produção dos filmes hétero e os que atuarão nos filmes gays. Por fim, o intenso recrutamento de travestis que, segundo a autora, trata-se do principal mercado pornô distribuído fora do Brasil e consumido principalmente na Itália desde o final da década de 90. Como afirma Días-Benítez: “[...] a participação no pornô brasileiro constituiu, para as travestis brasileiras, uma ponte para efetivar deslocamentos em direção à Itália, já que as produções nacionais eram muito bem vendidas por lá” (DÍAS-BENÍTEZ, 2010, p. 191). Assim, quando os travestis empreendiam essas viagens levavam consigo cópias

4 Alfred Schutz é sociólogo e filósofo austríaco. A obra utilizada como fonte pela autora tem como título *La construcción significativa del mundo social*. Barcelona: Paidós, 1993.

de seus filmes para vender aos seus clientes ou entregá-las pessoalmente às distribuidoras.

Em todos os casos, o critério essencial é a aparência física. Atributos corporais, como cintura, olhos, busto, quadril, tórax, pernas, são valorizados e metrificadas, no intuito de evidenciar o próprio corpo e exibir suas qualidades. A juventude também é uma característica superestimada. A tarefa dos recrutadores, por sua vez, é buscar aquilo que o mercado consumidor privilegia. Se o filme enfatizar penetrações anais, por exemplo, as mulheres de maior quadril serão privilegiadas na escolha.

No recrutamento de mulheres a busca por variedade é essencial. Para atender aos diferentes gostos dos consumidores, a indústria procura mesclar diferentes corpos e cores: louras, morenas, orientais, ruivas e mulatas são alguns dos tipos procurados. No entanto, vale salientar que as características físicas dos negros (nariz chato, lábios grossos, cabelo frisado) não são atributos valorizados neste universo, quanto mais a mulher se aproxime das feições faciais brancas melhor; melhor ainda, se tiver o tom da pele morena, pois o marrom é considerado a “cor do desejo”, segundo Días-Benítez, em referência à histórica sexualização do negro.

Os homens mais procurados são os másculos, os “sarados” quando se trata de filmes tanto hétero quanto gay. No entanto, além dos rapazes viris, os lolitos ou ninfetos - aqueles com aparência de adolescente, mais magros, de baixa estatura, mas com corpos definidos - também são bastante requisitados pela indústria pornô gay e são eles que, atualmente, ocupam o topo da preferência dessa indústria.

Com relação às travestis, a questão da diversidade permanece presente. Quanto mais bonita e mais feminina, mais próxima estará do nível A. Aqui, questões de classe social e de gênero estão emaranhadas, já que o nível A, além de classificar a travesti,

revela também que quanto maior for a sua capacidade de consumo, mais chances terá de atender aos critérios estabelecidos, a transformação do visual por meio de cirurgias plásticas é algo recorrente, pois se trata de um artifício utilizado para atender exigências da indústria.

Partindo desse ponto, a autora trabalha com os diversos lugares onde ocorrem as interações, os quais são geralmente ligados à prostituição e ao mercado do sexo. São eles: ruas, saunas, boates, prives, casas noturnas e sites. Além dos encontros nesses locais, outro meio de recrutamento é através do conhecimento dos lugares de residência, das redes de moradia daquelas pessoas que transitam e participam de alguma forma desse circuito.

Sobre o recrutamento feito na rua, Días-Benítez afirma que talvez seja um dos métodos mais difíceis, não sendo, portanto, um dos mais populares. Para que o recrutador aborde uma pessoa, converse, fale do cachê, seduza-a é necessário um ambiente propício e a questão da discricção é algo muito importante, pois quanto menos pessoas souberem, maior é a chance de a proposta ser aceita. Por esses motivos, o recrutamento de mulheres, por exemplo, feito em bares, clubes e casas noturnas consistiria em um dos métodos mais eficazes e utilizados.

Já com relação ao *casting* e o processo de seleção, quesitos como a sensualidade e a fotogenia são fundamentais para os atores. Para os homens, a questão da ereção é o momento-chave para o seu estabelecimento na profissão. Suas atitudes relacionadas à potência e a virilidade, bem como seu desempenho no momento da ereção são critérios utilizados na seleção. Por sua vez, as garotas e as bonecas (os travestis) dificilmente são submetidas ao *casting*: beleza, sensualidade e disposição para filmar são o bastante para a sua inserção na película.

Os rituais pré-filmagem variam de acordo com cada produtora, durante suas

visitas aos sets verificou que a correria e o clima de agitação durante a preparação e a montagem do cenário é bem característico do momento. No entanto, ao mesmo tempo em que esse clima é frenético ele é também relaxado, pois a maioria das pessoas que trabalham nos bastidores nutrem relações interpessoais: de afeto, amizade, onde há troca constante de conhecimentos acerca da profissão. É graças às instruções e conselhos de diretores, fotógrafos e *cameramans* experientes que muitos dos iniciantes conseguem se manter e exercerem suas funções sem muita experiência e conhecimento técnico. A interação entre atores e atrizes também acontece dessa maneira. É certo também que o clima de intimidade dá espaço para intrigas, acusações, fofocas, fazendo do set de filmagem um local onde essas informações se disseminam.

Uma das etapas-chave da preparação para a cena é o ritual de higiene corporal do elenco, descrito minuciosamente pela autora. Logo em seguida, para as mulheres e travestis, o momento da maquiagem, e para os homens o ritual da masturbação, geralmente auxiliado por técnicas como a ingestão de Viagra, com o objetivo da ereção.

A exibição do corpo é central no filme pornô, por isso o gestual e a fotografia devem ser trabalhados cuidadosamente a fim de gerar um efeito no consumidor através da linguagem da sedução. Olhares de provocação, cumplicidade, objetos associados à sedução como lingerie e salto alto são utilizados pelas atrizes com o objetivo de criar um personagem para satisfazer o espectador. Assim, do mesmo modo que acontece no teatro ou nas cerimônias religiosas, as máscaras e as fantasias possibilitam ao ator uma transformação, ou a possibilidade para incorporar um personagem, lingerie e roupas sugestivas contribuem, no pornô, para a incorporação da 'figura dramática'.

A parte da obra chamada Transa dedica-se a parte da ação propriamente dita: o

momento da transa na filmagem. Ao transcrever uma parte do seu diário de campo, Días-Benítez procurou mostrar a rotinização do sexo nessa profissão e como a performance do corpo é central para se entender o grupo em questão. Narrando as cenas, a autora comenta sobre a interação entre os atores, a relação destes com a câmera e com a equipe em geral. Destaca também o papel do diretor, a voz principal, responsável pela performance e estética das cenas. Nesse momento, retoma as histórias de vida de alguns deles para compreender quem são essas pessoas, suas trajetórias, como eles vêem as filmagens e o tipo de sexo encenado no pornô brasileiro. Como uma principal característica do pornô, a autora comenta:

Como o pornô é elaborado como um show, é justamente o *espetacular* o que constitui sua base. Como valor estético, é construído a partir da combinação do *exagero*, mediante a exploração de situações extremas, com uma estética do *realismo*, por intermédio da exposição pormenorizada dos corpos e das práticas (DÍAS-BENÍTEZ, 2010, p.99).

Assim, a partir do domínio de técnicas corporais, os *performers* encenam atos sexuais a partir dessa fórmula que combina exagero e realismo. Também são orientados a realizar uma correta exibição de modo que o posicionamento dos corpos permita uma captação adequada da imagem.

Para Días-Benítez, a pornografia estabelece sua própria versão sobre o sexo e junto com ele as disposições de gênero que ali se configuram. O sexo seria coreográfico, ou seja, ele seguiria um estilo ritualizado com uma temporalidade específica, apresentando um conjunto de sequência de posições sexuais a serem desempenhadas. Esse tipo de sexo tende a diferenciar-se do "doméstico", pois se distancia do que seria o convencional com a espetacularização das suas práticas.

Como já foi dito, as configurações de gênero também são um importante aspecto

salientado pela autora quando evidencia os discursos de heterossexualidade elaborados a partir das práticas sexuais até então analisadas. Em sua visão, esses tipos de filme reiteram e ratificam os discursos de heteronormatividade no momento em que não desobedecem aos papéis sexuais e nem de gênero presentes em nossa sociedade⁵. A masculinidade tratada como um forte capital simbólico, os discursos de virilidade sempre presentes e a proibição tácita de qualquer marca que possa colocar o homem no papel destinado ao feminino são dados que auxiliaram nessa conclusão.

O discurso sobre o excesso é um fato igualmente marcante. Na realidade, a pornografia produziria uma espécie de hipergênero, em sua opinião, ao exibir masculinidades e feminilidades excessivas, exacerbando estereótipos já existentes. No entanto, essa interpretação da autora não é a mesma adotada pela teoria do feminismo radical com a qual ela dialoga em seu texto. A leitura dessa linha interpretativa, para Días-Benítez, define o corpo feminino como um objeto configurado a partir do desejo dominante e masculino. Assim, esse corpo, reduzido a um objeto de desfrute e sexualmente alienado, apresenta uma versão simplificada do poder. Para ilustrar o pensamento de tal corrente, cita o exemplo da *Women Against Pornography* (WAP) como uma organização que atribui à pornografia as causas das violências contra as mulheres, os crimes de misoginia, a discriminação sexual e a propagação das desigualdades hierárquicas de gênero. Cita, ainda, o exemplo das feministas Catharine

5 "A heterossexualidade é concebida como 'natural' e também como universal e normal. Aparentemente supõe-se que todos os sujeitos tenham uma inclinação inata para eleger como objeto de seu desejo, como parceiro de seus afetos e de seus jogos sexuais alguém do sexo oposto. Consequentemente, as outras formas de sexualidade são constituídas como antinaturais, peculiares e anormais. É curioso observar, no entanto, o quanto essa inclinação, tida como inata e natural, é alvo da mais meticulosa, continuada e intensa vigilância, bem como do mais diligente investimento." (LOURO, 2000, p. 10)

MacKinnon e Andrea Dworkin, ambas dos Estados Unidos, que também compartilham da ideia de que a pornografia seria a subordinação das mulheres representada graficamente.

No entanto, a pesquisadora contesta a ideia de subordinação das mulheres ao afirmar que no pornô hétero "corpo, pornografia, e sexo são lugares de resignificação política para mulheres e para outras minorias sexuais, e o prazer transforma-se em objeto de reflexão, assim como as maneiras alternativas e as escolhas sexuais que levam a conseguir-lo" (DÍAS-BENÍTEZ, 2010, p. 119). Assim, para a autora, corpos e gêneros são construídos a partir da mesma lógica do excesso e, ainda que sob um esquema heteronormativo, a mulher conseguiria transgredir ao adotar atitudes e comportamentos que normalmente não são outorgados ao feminino: ao invés de apresentar um temperamento dócil e indefeso, ela gritaria em voz alta durante o sexo, demonstrando seu prazer.

Na última parte do esquema tripartite, Consumo, Días-Benítez comenta sobre os diferentes desfechos existentes no processo de produção do filme pornográfico. Para a coreografia, por exemplo, a ejaculação, ato masculino por excelência, é a sequência final da performance, o auge do ritual, a condição *sine qua non* da correta representação do prazer. É altamente valorizado: se não tem gozo, não tem graça, afinal é ele que vai indicar que o encontro dos corpos foi bem sucedido.

Com relação à consumação feminina (dos personagens que representam esse gênero), outros artifícios são acionados que não a imagem visual. São eles: gemidos, gritos e palavras, ou seja, uma linguagem baseada em sons que tentem demonstrar que o outro, sem ser o homem, também atinge um alto nível de prazer, ainda que não seja o orgasmo.

O uso de tais artifícios serve para "negociar" com o problema de dar visibilidade

ao prazer feminino, já que as mulheres raramente ejaculam de modo visível. No entanto, esses marcadores vocais dos orgasmos femininos são insuficientes, não conseguem transmitir a mesma carga emotiva que o masculino que é fortemente caracterizado pela sua preeminência visual. Assim, é comum nos filmes de pornô hétero que os diretores estimulem o aumento da voz, com gemidos altos e contundentes.

Já a consumação da própria filmagem dá-se depois da ejaculação: ali a cena se dá por encerrada e os performers se dirigem de imediato ao banheiro, realizam a higiene. Vestem suas roupas cotidianas e todos se dispersam. É nesse momento que os atores recebem o pagamento, em dinheiro, o que é bem salientado, consumando definitivamente, a ação.

Por fim, na pós-produção, a ação coletiva se concentra na elaboração do material publicitário a partir das imagens captadas pelos fotógrafos durante a filmagem o que seria o importante momento da edição. As capas dos filmes devem expressar seus conteúdos de forma clara em conjunto com o título e as legendas, que objetivam dizer ao consumidor com poucas palavras o que ele vai encontrar, como no exemplo: “Brasileirinhas – as mais belas garotas em busca de paus gigantes!” (apud Días-Benítez).

Na conclusão, a autora dedica a última parte do livro ao elenco, a parte visível do pornô, e também se dedica às principais questões: como se constrói a carreira de atriz ou ator dentro das redes de produção pornográfica e como se adquire prestígio neste mundo? Aí a autora utiliza pequenos tecidos biográficos, histórias contadas dos principais personagens de sua pesquisa que para lançar luz sobre tais questões.

É dessa forma, através de uma linguagem acessível e prazerosa, que Días-Benítez nos mostra um trabalho atual que aproxima o leitor da realidade estudada. Contribuindo para a consolidação de novos campos antro-

pológicos de estudo, realiza um intenso trabalho etnográfico em um campo de pesquisa raramente abordado dessa maneira.

Durante o percurso, a autora acaba por nos apresentar questões controversas, como, por exemplo, o uso (ou não) de preservativos no set de filmagens, a migração de travestis para a Europa, a proximidade com a prostituição, o valor dos cachês, o lugar das práticas sexuais classificadas como bizarras (como a zoofilia, por exemplo) enfim, questões que nos levam a refletir não apenas no pornô em si, mas alguns dos importantes aspectos da sexualidade e do gênero na sociedade brasileira. Por exemplo, a questão levantada pelas feministas radicais de que a pornografia seria responsável por reforçar a ideia de subordinação das mulheres: até que ponto essa manifestação é condizente com a nossa realidade? E a contrapartida da autora, colocando que as mulheres têm nesse lugar uma oportunidade de terem seu corpo e sexo ressignificados, apresenta alguma validade? O que pensam atrizes e atores sobre tais afirmativas? E os consumidores? Todas essas questões servem para a reflexão e para que se observe que um trabalho de cunho antropológico não reflete apenas sobre o seu objeto de pesquisa em si, mas acaba se debruçando sobre questões bem maiores, de maior complexidade: o que significa ser homem e ser mulher no contexto da pornografia? E fora dele?

A escolha metodológica de utilizar histórias de vida contribuiu ainda mais para a fluidez do texto. Ali os personagens (produtores, atrizes e diretores) tornaram-se matérias da antropologia, passaram a ser os intérpretes de suas realidades socioculturais, cabendo ao autor estabelecer as conexões entre o micro (indivíduo) e o macro (sociedade), sem deixar de levar em conta as teorias acumuladas sobre cada temática.

A dimensão econômica, diferentes marcadores sociais como raça, gênero, entre outros, não passam despercebidos pela

antropóloga que nos fornece um importante exemplo de etnografia atual, criativa e inovadora não apenas no âmbito do Museu Nacional, mas no cenário da atual Antropologia brasileira.

Referências

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade do saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2010.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petropolis: Vozes, 1999.

GOLDENBERG, Mirian. *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

LOURO, Guacira. *O corpo educado – pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte, Autêntica, 2000.

VELHO, Gilberto. *Desvio e Divergência: uma crítica da patologia social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

VELHO, Gilberto; KUSCHNIR, Karina. *Pesquisas urbanas: desafios do trabalho antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.